

«É melhor ficar sozinho do que sentir-se errado aos olhos dos outros?»

«QUEM ÉS TU QUE PREENCHES O MEU CORAÇÃO COM TUA AUSÊNCIA?» (P. Lagerkvist)
Introdução - 1

Antes só do que errados?

por Pierluigi Banna*

Por que nos sentimos errados quando sentimos uma falta em nós mesmos? Por que ficamos incomodados com os nossos incômodos? O peso da vergonha às vezes é tão forte, que vem a tentação de nos isolarmos:

«Muitas vezes sinto que meu coração tem um buraco profundo, uma ausência impreenchível que desde sempre reprimo instintivamente.

Reprimo talvez por orgulho, talvez porque dou mais atenção à vida e aos problemas dos outros, em vez dos meus próprios; talvez porque as pessoas que me circundam sempre me viram como a forte, a que não tem problemas ou que, se os tem, acha a solução sem pedir ajuda a ninguém.

Mas a minha vida é todo o contrário. Quando no fim do dia eu repenso no que vivi durante o dia, a única coisa que consigo fazer é começar a chorar. Choro, porque esta ausência que sinto e reprimo se torna sempre mais forte. Quanto mais a reprimo, mais a sinto. Esta ausência corresponde ao meu desejo de ser aceita pelas pessoas que me circundam, com quem cresci nestes anos».

Por que tentamos reprimir esse sentido de vazio, como se fosse uma vergonha? Acima de tudo, pela fixação que temos em agradar aos outros. Tememos que, se os outros descobrissem os aspectos mais frágeis de nós, nos abandonariam. Nós crescemos com este caruncho em nós: temos de agradar aos outros. E assim pensamos que temos sempre de estar à altura dos outros: ficamos como que enterrados vivos dentro das imagens de perfeição que os adultos e os amigos costuram em nós. Se você tem um problema, deve resolvê-lo sozinho, porque um amigo bom, um filho bom, um estudante bom é alguém que não traz problemas, que não incomoda. Você não pode errar, não pode ser frágil.

Mas o nosso coração não pode enganar-se: quanto mais reprime essa exigência, mais a sente. Então que fazer? Quando não conseguimos resolver sozinhos esse sentido de vazio que temos, quando nos envergonhamos de falar dele com os amigos porque achamos que seremos rejeitados, que fazemos? Vem a tentação de nos isolarmos; esperando que cedo ou tarde passe esse “momento negativo”. Depois de termos mostrado a todos o melhor perfil, como se víssemos numa rede social, fechamo-nos em nós mesmos, como se pudéssemos bloquear »

* Introdução ao Tríduo Pascal de Gioventù Studentesca, Rimini, 29 de março de 2018. Para ler os trechos aqui citados, cf. *Chi sei tu che colmi il mio cuore della tua assenza?*, pp. 7-10, do livreto do Tríduo de GS, [disponível em italiano em formato PDF no site de CL](#).

» todos os contatos com a realidade, assim como se bloqueiam os contatos de WhatsApp. Tentamos construir um muro em volta de nós:

«Quando acredito que dei uma resposta a qualquer pergunta, ela sempre volta [volta sempre! Quanto mais a reprimir, mais vai voltar] e a busca deve recomeçar. Estou cheia. Tudo aqui. Ao meu redor construí um muro invisível meio mal feito, construído por mim mesma toda vez que me é útil uma barreira que de vez em quando se desmorona e depois é reconstruída, mas a cada vez com mais rachaduras. Esse muro que isola a maior parte das coisas ao meu redor deixa entrar só de vez em quando algum som, por aquelas pequenas rachaduras».

É preciso desmascarar algumas mentiras. A primeira diz respeito à inutilidade do isolamento. Faz desaparecer a falta e o vazio? Não, cedo ou tarde voltam. Isolar-se, portanto, não adianta nada. Mas depois, quem se isola é realmente mais maduro, mais livre? Não! Todos acham que raciocinam com a própria cabeça isolando-se, mas depois – se pensarem bem – se vestem todos da mesma forma, pensam todos da mesma maneira.¹ A pessoa pensa em isolar-se e acha que assim está mais livre, mas na verdade se torna cada vez mais escrava da moda e da mentalidade dominante. Esta é a primeira mentira. O preço do isolamento não é a liberdade, mas a escravidão.

¹ Dom Giussani escreve: «O homem fica *sozinho*, e por isso [se torna] *dominável* [...], prisioneiro de quem, de qualquer modo, se apresenta mais forte do que ele » (p. 7).